

RETRATOS DO BRASIL/PNAD 2001

Crianças saem do trabalho e voltam às escolas

Números mostram que 96,5% dos brasileiros de 7 a 14 anos de idade estavam matriculadas no ano passado



Josenildo Teixeira

CRIANÇAS DA Escola Carmela Lapenda, em Camarajibe: uma experiência positiva pioneira em todo o país

Leticia Lins

• CAMARAJIBE (PE). Os irmãos Gilvan José da Silva Filho, de 12 anos, e Tereza Cristina Alves dos Santos, de 11, são dois exemplos da melhoria nas estatísticas de educação infantil, diagnosticada pelo IBGE. Ambos estão na 2ª série do Ensino Fundamental na Escola Carmela Lapenda, a 15 quilômetros de Recife. Com um histórico de pobreza e problemas familiares, já foram reprovados três vezes e abandonaram os estudos duas vezes. Hoje, prometem não deixar a escola sem concluir pelo menos a 8ª série.

Gilvan e Tereza engrossam o time das crianças matriculadas, que em 2001 já alcançava 96,5% dos brasileiros de 7 a 14 anos de idade. Em 1996, 8,7% das crianças do país estavam

fora da escola. Dois anos atrás, a proporção era de 4,3% — em 2001, chegou a 3,5%. O Nordeste foi a região com o maior avanço: o percentual de crianças fora da escola caiu de 13,6% para 4,8% entre 1996 e 2001.

Agentes de educação vão às casas dos alunos

As duas crianças integram o Programa de Agente Comunitário de Educação, o Pace, que foi implantado na cidade em caráter pioneiro no país e começou a dar grandes resultados. O Pace vem reduzindo a evasão escolar e a repetência, e 85% das crianças por ele atendidas foram aprovadas na escola.

Os índices de distorção idade/série já caíram no geral de 34% para 16% entre os alunos matriculados na rede municipal. A exemplo do programa de

agentes comunitários de saúde — hoje funcionando em todo o país com bons resultados — as agentes de educação frequentam as residências dos alunos.

— As carências são muito grandes — afirma Elisia Basília, coordenadora do Pace.

Para Gilvan e Tereza, por exemplo, não foi fácil. Eles moravam com a mãe, que morreu. Foram viver com a avó, que duas semanas depois também faleceu. Passaram a morar com uma tia, que é muito pobre — às vezes não tem nem sal em casa — e que já sustenta quatro filhos. As crianças voltaram à escola e ganharam direito ao reforço.

— A vida da gente se desarrumou e ficamos um tempo sem estudar. Mas depois do Pace acho que não saio mais da escola — diz Tereza. ■

A educação em números

A TAXA DE ANALFABETISMO (com 10 anos ou mais de idade)

1992	16,4%
1993	15,6%
1995	14,7%
1996	13,7%
1997	13,9%
1998	12,9%
1999	12,3%
2001	11,4%

/ ANOS DE ESTUDO (com 10 anos ou mais de idade)

	1999	2001
Sem instrução e menos de 1 ano	13,4%	12,6%
1 a 3	18,3%	15,5%
4 a 7	34,2%	31,1%
8 a 10	14,8%	15,3%
Mais de 11 anos	19%	21,7%

Fonte: IBGE

Queda expressiva no analfabetismo

Em apenas dois anos, índice de analfabetos caiu de 12,3% para 11,4%

• A última Pesquisa Nacional por Amostra de Pnad-IBGE) também apontou uma expressiva redução na taxa de analfabetismo do país. Não apenas das crianças, mas também nas informações referentes à toda a população. No biênio 1999-2001, a proporção de analfabetos entre os brasileiros com mais de 10 anos de idade caiu de 12,3% para 11,4%. Na primeira Pnad da década passada, em 1992, 16 em cada cem brasileiros não sabiam escrever.

O resultado é ainda melhor entre as crianças. Em dois anos, o número de menores de 10 a 14 anos analfabetos recuou mais de um ponto per-

centual: de 5,5% para 4,2%, de 1999 a 2001.

— Os dados de trabalho pioraram para os brasileiros que já estão no mercado. Mas as informações sobre escolarização infantil são animadoras, porque indicam que os trabalhadores do futuro, as crianças de hoje, tendem a viver uma situação melhor, porque estarão mais preparadas — diz o economista Marcelo Néri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

A melhora no nível de instrução dos brasileiros ratifica a aposta do economista. Em cinco anos (1996-2001), passou de 16,3% para 21,7% a proporção

de brasileiros com mais de 10 anos que tinham, pelo menos, o Ensino Médio concluído. A proporção de homens com 11 anos ou mais de estudo passou de 15,1% para 20,1%. Entre as mulheres, ainda mais qualificadas, o salto foi de quase seis pontos percentuais em cinco anos: de 17,3% para 23,2%.

Pela primeira vez a Pnad investigou o tipo de instituição de ensino que as crianças brasileiras frequentam. Dos 52 milhões de estudantes de 5 anos ou mais, 42 milhões estudavam em escola pública — 82,1% dos estudantes dos níveis pré-escolar, fundamental, médio ou superior. (Flávia Oliveira) ■